



## **Presentes opostos: escritas de si e história da historiografia em tempos de ditadura (1968/1979)**

RAPHAEL GUILHERME DE CARVALHO

### **Introdução**

Em 2002, durante as comemorações do centenário de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), Alcir Pécora (IEL/Unicamp) registrou o seguinte depoimento sobre o homenageado, em comparação com Gilberto Freyre (1900-1987):

*Nos anos 70, era comum apresentarem-se graves reparos a suas ideias, sintetizadas preferencialmente no tópico da cordialidade brasileira. Elas tanto mascarariam, internamente, as contradições dos interesses de classes, quanto, externamente, a ruptura radical entre o Brasil e a antiga metrópole portuguesa, na passagem da condição de colônia para a de país independente. [...] E se ele nunca chegou a ser despachado para as mesmas fossas infernais em que ardia Gilberto Freyre, desqualificado como ideólogo do conservadorismo oligárquico, não será exagero afirmar que andou pelas redondezas (PÉCORA, 2002: 21).*

Essa memória contemporânea, envolvendo Buarque de Holanda e Gilberto Freyre nos tempos mais duros do regime militar, é recorrente em boa parte da geração atual de historiadores, que obteve sua formação intelectual entre os anos de 1980 e 1990. Ao inaugurar em 2012 a *Sérgio Buarque de Holanda Chair of Brazilian Studies*, na Universidade Livre de Berlim, Jurandir Malerba rememorou o papel das leituras buarqueanas em sua formação, nos anos 1990, quando da “redescoberta” do autor, na esteira recepção da “nova história” francesa no país. Antes disso, Malerba afirma, os “marxistas da vulgata” teriam preterido a validade de suas contribuições na universidade brasileira (MALERBA, 2012: 12).

O mesmo movimento assinalado por Malerba, de recepção dos novos objetos, fontes e abordagens, favoreceu também a reabilitação do legado freyreano, situado por Laura de Mello e Souza na gênese da tradição de história da cultura no Brasil: “antes de toda a produção historiográfica contemporânea, centrada na questão das mentalidades e da cultura, [Freyre] mostrou-nos que os tempos da vida são objetos da história tanto quanto suas variantes ou como o próprio ecúmeno” (SOUZA, 1998: 29). Se Freyre, por conceder o protagonismo do método à antropologia, frequentava tão-somente o rol dos “precursores” da história cultural nos trópicos, o lugar da obra de Buarque de Holanda se distinguia como “a própria criação de uma história da cultura no Brasil” (SOUZA, 1998: 23).



Os depoimentos de Pécora e Malerba,<sup>1</sup> em ocasiões comemorativas e de homenagem, apontam (para ficarmos apenas nisso) a evolução da memória de Freyre e Buarque de Holanda, entre 1970 e a atualidade, principalmente na disciplina histórica. Não difere o procedimento de Laura de Mello e Souza, pois que o texto de historiografia também acrescenta sua camada à história da memória (RICŒUR, 1998: 27).

### **Combates pela memória**

À base dessa imagem de oposição entre Freyre e de Buarque de Holanda – na disciplina histórica e até certo ponto na memória coletiva – está o cruzamento das avaliações críticas da incipiente história da historiografia dos anos 1970 e das escritas de si dos historiadores como defesas (autônomas e divergentes) de seus legados. Isto, sob o peso do contexto político, quando a “crítica ideológica” se transformava em critério determinante da avaliação das obras historiográficas do passado. Estava em jogo o estatuto de seus nomes (SCHLANGER, 1992: 297-298) ou o dever de suas posições na memória disciplinar e coletiva (MULLER, 2005).<sup>2</sup>

Esse recurso era menos evidente no caso de Buarque de Holanda, mas imediatamente ligado às questões políticas daquele tempo; abertamente assumido e já de longa data no caso de Freyre – o autor, personagem de si mesmo, segundo Benzaquen (ARAÚJO, 1994: 189), ou um processo de *self-fashioning*, segundo Pallares-Burke (2005: 26) – mas, nos anos 1960 e 1970, uma repetição (estratagema memorial por excelência), uma repetição das narrativas de si, agora requentadas diante das pressões políticas, da percepção de um “silenciamento” de suas ideias, segundo o próprio autor (FREYRE, 2001 [1979]: 245-246) – da angústia do esquecimento, talvez.

Ambos possuem numerosas entrevistas, correspondência, diário, esboços autobiográficos, prefácios etc. Contudo, restrinjo a análise, nessa apresentação, àqueles escritos em primeira pessoa que procuraram interferir mais diretamente na definição das suas identidades intelectuais e, por extensão, nas memórias disciplinares. Em 1968, Freyre publica

---

<sup>1</sup> Ver também Vainfas (2010:557), na edição de 50 anos de *Visão do Paraíso*: “o senso comum acabou embolando os dois autores, embora Freyre tenha sido apoiante do regime, ao contrário de Sérgio Buarque, crítico assumido”.

<sup>2</sup> Bertrand Müller demonstra como a memória disciplinar “consolida retratos”, “distribui as fundações” e “assegura a posteridade” de uns e não de outros autores nos distintos campos de saberes. Seus suportes são, entre outros, especialmente as escritas de si – memórias, autobiografias, correspondências e afins (MÜLLER, 2005: 198). Ver também, sobre memórias disciplinares, GUIMARÃES, 2005; TURIN, 2013; NICOLAZZI, 2014.



o livro *Como e porque sou e não sou sociólogo*, em que delimita sua identidade intelectual em função da situação do campo da sociologia – também comenta o estatuto dos ofícios de antropólogo e de historiador, coisas que ele igualmente afirma ser e não ser, arrogando para si, afinal, uma identidade primeira de escritor, ensaísta (FREYRE, 1968). De 1979 é a coletânea de artigos de Buarque de Holanda, *Tentativas de Mitologia*, que entendo e defendi como sua autobiografia intelectual (CARVALHO, 2017). A crítica historiográfica, principal matéria da antologia, é precedida de um ensaio de autocompreensão que revisita a herança modernista como singularidade de sua identidade de historiador,<sup>3</sup> afirmada como, dentre outras atividades intelectuais, sua “vocação principal”.

O recurso à primeira pessoa em Freyre e Buarque de Holanda, nos anos em tela, obedecia a alguns condicionamentos, seja do contexto das lutas políticas e de construção de memórias (NAPOLITANO, 2014; REIS FILHO, 2015),<sup>4</sup> seja da trajetória em decadência ou da autoridade espiritual contestada (MICELI, 2001: 85). No caso do autor de *Raízes do Brasil*, a ameaça da crítica na história da historiografia, que, principalmente com Carlos Guilherme Mota (1977), o aproximava agora de Freyre; a perspectiva do esquecimento, no caso do autor de *Casa Grande & Senzala*, diante da crítica advinda já dos anos 1950, no campo da sociologia, agora retomada e socialmente difundida, em função principalmente do comprometimento do autor com o regime autoritário no Brasil e o colonialismo em Portugal. Um indício dessas pressões, a epígrafe de Freyre ao livro *Como e porque*: “on me combat, donc je suis”, tomada do escritor André Gide (1869-1951). Trata-se, ao que tudo indica, de combates francos pela memória.

---

<sup>3</sup> A “identidade do historiador”, segundo Francisco Falcon, é constituída a partir de dois polos complementares, entre o sujeito e seus pares: a autoconsciência do historiador, isto é, a intenção de produzir trabalhos históricos e o reconhecimento dos cânones da disciplina pela comunidade de interesse. Encontramos em Falcon também a enunciação de um problema, manifesto na tópica que opõe tradição e inovação, relativamente à historiografia brasileira: a convivência conflituosa, nos anos 1960 e 1970, às vezes no mesmo lugar institucional, de identidades de historiador diversas (FALCON, 1996:10-13).

<sup>4</sup> Desde meados da década de 1970, ganhava espaço uma história do tempo presente e da historiografia (ROUSSO, 2012), assim como os estudos sobre autobiografia (STAROBINSKI, [1970], 2000; GUSDORF, 1975; LEJEUNE, 1975). Para Marcos Napolitano, a literatura e a memória serviam, no Brasil, de veículo de expressão privilegiado da experiência de uma realidade multifacetada (NAPOLITANO, 2014, p. 223). Eram o caso dos livros de memórias do exílio e da repressão política, como *Em câmara lenta* (1977), de Renato Tapajós, *O que é isso, companheiro?* (1979), de Fernando Gabeira, ou *Os Carbonários* (1980), de Alfredo Sirkis. Além dessa “literatura do testemunho”, também o “romance de resistência”, como *Lavoura Arcaica* (1976), de Raduan Nassar, e *Reflexos do Baile* (1976), de Antonio Callado (FRANCO, 2003, pp. 355-374; BASTOS, pp. 163-179). Entre historiadores e outros intelectuais contemporâneos de Freyre e Buarque de Holanda, temos, por exemplo, as memórias de Nelson Werneck Sodré (1911-1999), *Memórias de um escritor* (1970), de Fernando de Azevedo (1894-1974), *História de minha vida* (1971), ou de Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990), *Alto Mar/Maralto* (1976).



## História da historiografia nos anos 1970

Antonio Candido definiu em 1978 como “tempo do contra” o clima predominante na universidade daquela década. Ele falava aos estudantes da USP sobre a importância dessa fase para em seguida entrar na questão democrática, caminho para a igualdade (CANDIDO, 2002: 375). Estavam também presentes ao encontro alguns professores da casa: entre eles, “o único de gravata”, mas de “paletó vermelho”, Buarque de Holanda, e o jovem Carlos Guilherme Mota, autor de um livro “exageradamente do contra” (Candido se referia a *Ideologia da cultura brasileira*, de Mota, 1977). Nessa intervenção, destaco a intermediação efetuada por Antonio Candido: “este livro é muito mais da geração dos senhores alunos do que de nós, velhos professores” (CANDIDO, 2002: 379).

Mota não questionava, como se tem feito hoje, do ponto de vista da memória disciplinar, o cânon historiográfico fixado por Antonio Candido no prefácio à quinta edição de *Raízes do Brasil* (1969). É, ao contrário, um de seus pontos de apoio, ao lado de Dante Moreira Leite, “O caráter nacional brasileiro” (1969). Junto de Florestan Fernandes, Candido ficava situado por Mota como o elo entre os catedráticos e os novos professores da USP. Todavia, se Candido considerava *Raízes do Brasil* como a obra excepcional dos anos 1930, Mota conferia posição de centralidade a Caio Prado Junior, que teria “ultrapassado o momento”. Mota seguia a análise de Moreira Leite, dizendo que *Raízes do Brasil* descrevia intuitivamente o brasileiro de classe alta, e por isso estava muito próximo do “saudosismo aristocrático” que embalava *Casa Grande & Senzala*, de cuja obra, dizia ainda Mota, a crítica recente apontava o ocultamento das tensões raciais na valorização dos traços mestiços da população brasileira (MOTA, 1977: 29). Ambos os ensaios, *Raízes do Brasil* e *Casa-Grande & Senzala*, em sua visão, eram, representantes da ideologia das oligarquias regionais, ressentidas com a revolução de 1930. Contudo, de Buarque de Holanda se ressaltava a trajetória posterior, com *Visão do Paraíso*, considerada obra de historiador.

A “crítica das ideologias” em historiografia se realizava no perímetro de influência da chamada “Escola Paulista de Sociologia” (ARRUDA, 1994). A “historiografia engajada” dos 70, fruto praticamente da mesma agenda, procurava examinar as lutas ideológicas decorrentes da integração do Brasil na economia capitalista, através de um revisionismo do pensamento histórico e social produzido até então (FERREIRA, 2011: 329). Mota entendia que agora, acentuada a curva descendente da trajetória freyreana, que assumia nitidamente feição



conservadora, se tornara possível a avaliação crítica de sua concepção de cultura brasileira. Contudo, as objeções a Freyre já vinham dos anos 1940 e 1950, quando da constituição do campo disciplinar da sociologia, bem como da discussão sobre o projeto de modernidade e democracia brasileira. Um exemplo, as críticas de Otavio Ianni na recepção da segunda edição de *Sociologia: introdução ao estudo de seus princípios* (1957), de Freyre, sintoma do que Simone Meucci caracterizou como um confronto entre as posições do pensamento conservador da *sociologia de Freyre* (ligada ao culturalismo histórico alemão, como ciência do particular) e o pensamento progressista da *sociologia científica* (de categorias universalizantes), que, desde os principais postos acadêmicos, praticava severa vigilância das regras do campo (MEUCCI, 2006: 279).

Essas questões do chamado marxismo científico chegavam um pouco mais tarde à historiografia, nos anos 1970, talvez por se tratar de disciplina de mais longa tradição. De acordo com a importante análise da situação do campo historiográfico por J. R. do Amaral Lapa, que tomava como parâmetro o “progresso da sociologia”, o momento político pós-1964 estimulava o reexame da historiografia.

*A obra dos cientistas sociais formados pela Universidade de São Paulo significou uma abertura considerável para a historiografia brasileira, particularmente na medida de suas implicações, pois ela ofereceu ao historiador entre outras motivações a revalorização histórica do século XIX brasileiro, repensado em diferentes temas como [...] a inserção do Brasil no processo evolutivo do capitalismo internacional etc. Esse repensar foi feito, por sua vez, em termos estruturais e com a preocupação de conhecer menos a realidade histórica sensível e mais a inteligível, bem como também, na maioria dos casos, de estabelecer a origem e as condicionantes conjunturais responsáveis pelo rumo tomado pela revolução brasileira neste século (LAPA, 1976: 32-33).*

Dada a urgência de crítica do poder vigente, e para superar “o caráter repetitivo do modelo perfis e obras mais significantes”, o novo programa da história da historiografia brasileira, segundo Amaral Lapa, era a revisão crítica dos seus ídolos e dos seus mitos (LAPA, 1976: 190).

### **Freyre e Buarque de Holanda: presentes opostos**

Não era sem propósito que a autoavaliação de *Sociologia* ocupasse a introdução de *Como e porque*, no que tocava sobremaneira às “políticas do campo” (GUIMARÃES, 2005:



34).<sup>5</sup> Dizia Freyre que *Sociologia* scandalizava os colegas mais “totalitariamente sociologistas” (FREYRE, 1968: 29), que o acusavam de “literatice”, por, segundo ele, dispensar atenção às biografias ou autobiografias (*Ordem e Progresso*, 1957, se utiliza, em especial, dessas fontes). Para Freyre, o marxismo era representado, nos estudos sociológicos, por Caio Prado, Florestan e discípulos, dentre eles “o espírito faccioso” de Ianni (FREYRE, 1968: 32). Ademais, Freyre se dedica, em *Como e porque*, a apontar suas contribuições para as ciências sociais, com base sobremaneira na boa recepção de suas ideias no exterior, na França, notadamente.

*As páginas que se seguem, o autor admite, desde logo, serem, várias delas, prejudicadas por um personalismo por vezes petulante e até vizinho do que um crítico mais severo possa considerar tendência à autoglorificação. Essa autoglorificação, através de exageros em reclamar o autor para si, e para o Brasil, antecipações em estudos sociais [...] quando melhor seria que ele deixasse o cuidado de reconhecê-las exclusivamente a pensadores, cientistas sociais e críticos literários e de ideias, estrangeiros. Os quais [...] não têm faltado a este autor brasileiro com esse reconhecimento (FREYRE, 1968: 36).*

Freyre comentava os ataques “simplistas e intolerantes” a ele dirigidos por “certas alas” do comunismo no Brasil e em Portugal, o que não lhe representava novidade, pois que havia experimentado algo semelhante “nos dias de maior esplendor desse outro sistema fechado” que era o fascismo (FREYRE, 1968: 33). Vimos que Freyre lutava explicitamente contra o que entendia por um processo silenciamento de suas ideias. Mas, dizia, enquanto o Brasil se mantivesse “um país mais ou menos democrático” (como ele o considerava em 1968), e não se tornasse “totalitário” (comunista, leia-se), a criatividade e a inovação em sociologia teriam espaço (FREYRE, 1968: 40). Da oposição a Vargas à aprovação da ditadura militar, do I Congresso Afro-brasileiro (1934) ao “lusotropicalismo”, se dizia, agora, um “revolucionário

---

<sup>5</sup> *Como e porque* foi estudado recentemente por Carlos Vieira de Faria, em um livro sobre novas leituras, pós-coloniais, de Freyre em Portugal: “Ao escrever *Como e porque sou e não sou sociólogo*, Gilberto Freyre perfila-se como um dos raros autores e cientistas que abriu as portas de sua oficina e revelou as intuições e as ferramentas mentais utilizadas na configuração de seu modelo epistemológico” (FARIA, 2015: 94). No entanto, Faria parece ceder à “sedução” freyreana ao propor uma leitura das características fundadoras do pensamento do jovem Freyre através de *Como e porque*, o que embaralha temporalidades distintas da trajetória do escritor pernambucano. Talvez daí o autor afirmar que o livro de 1968 possua uma “dimensão quase autobiográfica e memorial” (FARIA, 2015: 94, grifo meu), quando a autobiografia me parece a própria razão de ser do livro, no esforço de delimitação de sua identidade intelectual nas humanidades. Mais ou menos como questionava, antes, Elide Rugai Bastos: “Fiquei intrigada com a preocupação de Gilberto em definir-se – sou e não sou sociólogo – no caso, em um texto publicado 35 anos depois do lançamento de *Casa-grande & Senzala*, livro que o consagrou como intérprete do Brasil. [...] Entre os muitíssimos gilbertos, o sociólogo encontraria um lugar especial? Os outros “gilbertos” anulariam a possibilidade de vê-lo como sociólogo?” (BASTOS, 2009: 164).



conservador” ou, ainda, um “anarquista”, pela manutenção de sua independência política e institucional (BURKE; PALLARES-BURKE, 2009: 196). Seja como for, alertam Burke e Pallares-Burke, não convém ler toda sua vida intelectual em função de sua última fase (BURKE; PALLARES-BURKE, 2009: 196).

Se em *Como e porque* não se veem críticas diretas de Freyre a Buarque de Holanda, nas *Tentativas de Mitologia* desse último se encontram lembradas as principais de suas reservas a Freyre, produzidas originalmente em fins dos anos 1940. A crítica mais notória ao escritor pernambucano dizia do “método impressionista de Freyre enquanto historiador” (HOLANDA, 1979: 113). A trilogia freyreana da “Sociedade Patriarcal” possuía, de acordo com Buarque de Holanda, “uma ordem tão velada quanto inflexível, como a que rege os progressos biológicos” (HOLANDA, 1979: 100). No fundo, ainda palavras de Buarque de Holanda, tal interpretação embalava o “sentido francamente apologético da obra colonizadora de Portugal” (HOLANDA, 1979: 113). Os artigos são contemporâneos da revisão radical de *Raízes do Brasil* em 1948, quando o autor procurava tomar distância do organicismo e também de Freyre, cujas menções, inclusive o prefácio de autoria do pernambucano, desaparecem em segunda edição (ROCHA, 2012: 19-39). Essas discriminações eram agora por ele lembradas justo quando se fazia com frequência aproximar, na esteira da mesma crítica, os intérpretes do Brasil (GOMES, 2010: 292).

A construção da identidade intelectual buarqueana se definia, assim, na antologia de 1979, muito em oposição a alguns contemporâneos de geração, principalmente Oliveira Vianna (1883-1951) e Freyre.

*Tendo sido discípulo de Alberto Torres, [Oliveira Vianna] partilhava com o pensador fluminense de um pronunciado pendor para os regimes políticos autoritários ou destituídos de base popular. Acabará aplaudindo até mesmo o golpe de Estado de 1937, que não tinha cabida nas previsões do mestre, além de identificar-se de corpo e alma com todo o sistema então instaurado, que dele recebera colaboração solícita e prestigiosa. Depois dos acontecimentos de nossa história mais recente, quando o poder arbitrário de um Estado policial-militar ganhou adeptos justamente entre muitos dos que outrora condenaram o longo consulado getuliano [Gilberto Freyre], apelando para razões éticas ou jurídicas, já não há muito sentido naqueles debates de acentuado sabor maniqueísta, que costumavam proliferar, já há trinta e quarenta anos, sobre tal período da vida nacional (HOLANDA, 1979: 11).*

A angulação política da crítica de Buarque de Holanda a Freyre, expressa nesse excerto da “Apresentação” das *Tentativas de Mitologia*, contém, então, uma reprovação da



concordância de Freyre com o regime militar e, indiretamente, um posicionamento, abundante em outros materiais, de Buarque de Holanda contra a ditadura.<sup>6</sup>

Escritas de si, portanto, distintas em suas particularidades, mas que, estreitamente ligadas ao contexto político, se serviam de estratégias memoriais diante das críticas a que se viam submetidos os autores, ameaçadas de certa forma as suas posições nos campos de saberes. Freyre desde cedo produziu abundante escrita em primeira pessoa, inclusive se lembrarmos que *Casa Grande & Senzala* se quis um livro autobiográfico, ou “um trabalho sobre a memória contra o esquecimento”, no dizer de Nicolazzi (2011:451). Enquanto o historiador paulista se esforçava por, em meio à autocrítica, recontextualizar sua interpretação do Brasil, após a edição definitiva se servindo de estratégias memoriais, de modo a oferecer seu legado para o projeto da redemocratização (CARVALHO, 2017), Freyre, que alegava nunca realizar a autocrítica (FREYRE, 1968: 23), não apenas reafirmava como agora, nos anos 1960 e 1970, instrumentalizava sua interpretação do Brasil na ideologia do assim chamado luso-tropicalismo, em defesa do legado da colonização portuguesa.

Havia, contudo, entre ambas as escritas de si, um importante ponto de convergência. Se Freyre se considerava antes de tudo escritor e, mesmo diante da crítica ao estilo literário, plenamente assumia o ensaio como particularidade de uma obra autorreflexiva, o autor de *Raízes do Brasil* reivindicava a herança modernista na sua escrita da história. Freyre e Buarque de Holanda pareciam se aproximar, portanto, ao ressaltarem um traço singular dos historiadores de sua geração, a forma ensaística de escrita da história. Sobre o tema, Buarque de Holanda polemizou energicamente com Mota ao longo da década, contra a pretensão a uma linguagem plenamente científica, e concluindo que “história não é gênero literário”, mas que os recursos de estilo servem para “melhor transmitir a complexidade do real” (HOLANDA, [1973] 2011: 433; MOTA, [1977] 2010).

## **A pretexto de concluir**

---

<sup>6</sup> Esse posicionamento, tal como consolidado na memória coletiva, também merece ser historicizado. Buarque de Holanda não foi exatamente incomodado pelos militares. Em 1965, voltava do exterior dizendo, a crer em reportagem de O Globo (25 abr. 1965, p. 12 [Siarq – Fundo SBH, Pt 116], que após a “Revolução de 1964” havia sido despertado o interesse pelo Brasil entre os norte-americanos. Convidado pelos militares a falar na Escola Superior de Guerra (ESG), em 1967, fez, porém, a autocrítica de *Raízes do Brasil*, diante dos riscos a que a situação o expunha. Em 1969 se aposentou voluntariamente, em solidariedade aos professores, estes sim, afastados da USP. Se *Do Império à República* representa, como apontou Maria Odila Dias (1994: 273), a sua forma de resistência à ditadura, uma militância mais enfática, crítica da “abertura a conta-gotas”, veremos somente, a rigor, a partir de 1978, com a fundação e a vice-presidência do Centro Brasil Democrático (Cebrade), encabeçado por Oscar Niemeyer (1907-2012).



“Ensaísta, sim, mas ainda historiador”, dizia Braudel (2002: 1077) de Freyre, em razão do recurso a abundante documentação histórica no ensaio (citado por NICOLAZZI, 2011: 436). Freyre tem sido melhor visto e recebido atualmente, segundo seus biógrafos e demais estudiosos contemporâneos, como historiador (sociocultural ou antropólogo histórico) (PALLARES-BURKE, 2005; BURKE e PALLARES-BURKE, 2009; GIUCCI e LARRETA, 2007; NICOLAZZI, 2011).<sup>7</sup> Tem se observado, por exemplo, que, embora a reiterada filiação à antropologia de Franz Boas (1858-1942), Freyre era, desde antes, iniciado nas práticas historiográficas com a dissertação defendida em Columbia, em 1922, sobre “A vida social no Brasil em meados do XIX” (1922; 1964), orientado por Wiliam Shephered (1871-1934) (PALLARES-BURKE, 2005: 299-300; NICOLAZZI, 2011: 437).

As diversas biografias de Gilberto Freyre e os inumeráveis estudos da seara buarqueana com frequência investem em análises das relações entre os autores da geração de 30 na memória histórica e particularmente na memória da história. Em biografia intelectual de Freyre, Vamireh Chacon (1993) chega a afirmar, por exemplo, que quem desejasse desmitificar Gilberto Freyre, que o mesmo fizesse com Buarque de Holanda, de quem apontava o problema da apropriação das ideias de Carl Schmitt (1888-1985) à base do homem cordial. A crítica atual de Buarque de Holanda, materializada na edição crítica e comemorativa dos 80 anos de *Raízes do Brasil* (2016), pouco dialoga com aquelas abertas há quatro décadas pela geração de 70 de historiadores da historiografia. De todo modo, algumas delas têm sido reabertas, em chave mais sofisticada, quando o estágio da fortuna crítica, mais as novas condições do campo, talvez também a crise política, a estimulam.

Enfim, esta comunicação, tecendo algumas relações entre memória, historiografia e tempo presente no Brasil, procurou assinalar um esforço inicial – ou uma proposta, longe de apresentar novidades e conclusões acabadas – de historicização das escritas de si dos historiadores e outros intelectuais brasileiros em tempos entre o recrudescimento do regime militar e início da abertura democrática, tempos de amplo processo de reordenamento memorial

---

<sup>7</sup> Ambos, a despeito da atenção aqui dedicada à história da historiografia, possuem seus lugares na tradição e na história do chamado pensamento social brasileiro (BASTOS, 2009; GOMES, 2010). Nos anos 1990, em grande medida a partir do trabalho de Benzaquen, também de Elide Rugai Bastos, Luiz Werneck Vianna ou Wanderley Guilherme dos Santos, os intérpretes do Brasil, Freyre especialmente, voltam à cena nas análises em ciências sociais. Para um balanço importante do período: OLIVEIRA, 1999.



diante das lutas políticas (REIS FILHO, 2015: 245). Dito de outro modo, uma tentativa de correlação entre história do tempo presente e da historiografia brasileira.

## Referências

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A trajetória da pesquisa na Sociologia. *Estudos Avançados* (USP), v. 8, n. 22, 1994, pp. 315-324.

BASTOS, Alcmeno. O romance político brasileiro e os anos de chumbo. In: BASTOS, Alcmeno [et. al.] *Estudos de literatura brasileira*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008, pp. 163-179.

BASTOS, Elide Rugai. Comentário a Roberto Motta. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 24, n. 69, fev. 2009, pp. 163-170.

BURKE, Peter; PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Repensando os trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre*. Trad. Fernanda Veríssimo. São Paulo: Unesp, 2009.

BRAUDEL, Fernand. À travers un continent d'histoire: Le Brésil et l'œuvre de Gilberto Freyre [1943]. In: FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala*. Edição crítica: Guillermo Giucci, Enrique Rodríguez Larreta e Edson Nery da Fonseca (Coords.). Madri: ALLCA XX, 2002, p. 1075-1091 (Col. Archivos; 55).

CARVALHO, Raphael Guilherme de. *Sérgio Buarque de Holanda, do mesmo ao outro: escrita de si e memória (1969-1986)*. Tese (Doutorado em História) – PPGHIS/UFPR. Curitiba, 2017.

CHACON, Vamireh. *Gilberto Freyre: uma biografia intelectual*. Recife: Fundaj/Massangana; São Paulo: Editora Nacional, 1993 (Col. Brasileira; 387).

DIAS, Maria Odila. Sérgio Buarque na USP. *Revista de Estudos Avançados* (USP). v.8, n.22, p.269-274, 1994.

FALCON, Francisco J. C. A identidade do historiador. *Revista Estudos Históricos* (FGV), v. 9, n. 17, 1996, pp. 7-30.

FARIA, Carlos Vieira de. “Como e porque sou e não sou sociólogo”. Esboço do pensamento do jovem Freyre. In: CARDÃO, Marcos; CASTELO, Cláudia (Orgs.). *Gilberto Freyre: novas leituras do outro lado do Atlântico*. São Paulo: Edusp, 2015, pp. 93-114.

FERREIRA, Antonio Celso. A historiografia profissional paulista: expansão e descentramento. In: GLEZER, Raquel (Org.). *Do passado para o futuro: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh*. São Paulo: Contexto, 2011, pp. 321-341.



FRANCO, Renato. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: SELIGMANN-SILVA, Marcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era de catástrofes*. Campina, SP: Editora da Unicamp, 2003, pp. 355-374.

FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Editora UnB, 1968.  
FREYRE, Gilberto. Freyre denuncia campanha de silêncio contra seus livros [*O Estado de S. Paulo*, 31 mar. 1979]. In: FALCÃO, Joaquim; Araújo, Rosa Maria Barboza. *O imperador das ideias: Gilberto Freyre em questão*. Topbooks, 2001, p. 245-246.

GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez. *Gilberto Freyre, uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro (1900-1936)*. Trad. Josely Vianna Baptista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GOMES, Angela de Castro. A experiência colonial e as raízes do pensamento social brasileiro: Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda. *Revista portuguesa de história* (Coimbra). t. XLI, 2010, pp. 291-304.

GUIMARÃES, Manoel Salgado. Historiografia e cultura histórica: notas para um debate. *Ágora* (UNISC). v. 11, n. 1, jan./jun. 2005, pp. 31-47.

GUSDORF, Georges. De l'autobiographie initiatique à l'autobiographie genre littéraire. *Revue d'histoire littéraire de la France*. 75<sup>o</sup>. année, n. 6, nov.-déc. 1975, pp. 957-994.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

\_\_\_\_\_. Sobre uma doença infantil da historiografia [1973]. In: *Escritos Coligidos: livro II, 1950-1979*. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp; Fundação Perseu Abramo, 2011, pp. 419-434.

LAPA, José Roberto do Amaral. *A História em questão: historiografia brasileira contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.

LEJEUNE, Philippe. Autobiographie et histoire littéraire. *Revue d'histoire littéraire de la France*. 75<sup>o</sup>. année, n. 6, nov.-déc. 1975, pp. 903-930.

MALERBA, Jurandir. Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 14, n. 25, 2012, p. 9-20.

MELLO E SOUZA, Laura de. Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil Colonial. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. Rio de Janeiro: Contexto, 1998, pp. 17-38.

MEUCCI, Simone. *Gilberto Freyre e a sociologia no Brasil: da sistematização à constituição do campo científico*. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2006.

MICELI, Sergio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-45) [1979]. In: \_\_\_\_\_. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 69-291.



MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1977.

\_\_\_\_\_. Os fazendeiros do ar [1977]. In: \_\_\_\_\_. *História e contra-história: perfis e contrapontos*. São Paulo: Globo, 2010, pp.31-39.

MÜLLER, Bertrand. L'opération historiographique chez Paul Ricœur ou le statut de l'histoire dans l'épistémologie. In : MÜLLER, Bertrand (Dir.) *L'histoire entre mémoire et épistémologie : autour de Paul Ricœur*. Lausanne : Payot, 2005, pp. 183-203.

NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. História da historiografia e temporalidades: notas sobre tradição e inovação na história intelectual. *Almanack* (Unifesp), n. 7, 2014, pp. 27-32.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: história do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. Interpretações sobre o Brasil. In: MICELI, Sergio (Org.) *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. 2ª. ed. São Paulo/Brasília: Anpocs/Capes, 1999, pp. 147-181.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*: São Paulo: Unesp, 2005.

REIS FILHO, Daniel Araújo. Ditadura no Brasil entre história e memória. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.) *Ditaduras militares: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, pp. 237-252.

RICŒUR, Paul. Histoire et mémoire. In: BAECQUE, Antoine de; DELAGE, Christian. *De l'histoire au cinéma*. Paris: Éditions Complexe, 1998, pp. 17-28 (Coll. "Histoire du Temps Présent").

ROCHA, João Cezar de Castro. Raízes do Brasil: biografia de um livro-problema. In: MARRAS, Stelio (Org.). *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Edusp; IEB, 2012, pp. 19-39.

ROUSSO, Henry. *La dernière catastrophe: l'histoire, le présent, le contemporain*. Paris: Éditions Gallimard, 2012.

SCHLANGER, Judith. Fondation, nouveauté, limites, mémoire. *Communications*, n. 54, 1992, p. 289-298.

STAROBINSKI, Jean. Le style de l'autobiographie [1970]. In : \_\_\_\_\_. *La relation critique*. Paris : Éditions Gallimard, 2000, pp. 109-126.

TURIN, Rodrigo. História da historiografia e memória disciplinar: reflexões sobre um gênero. *História da Historiografia* (UFOP), n. 13, dez. 2013, pp. 78-95.



VAINFAS, Ronaldo. "Posfácio". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 551-560.